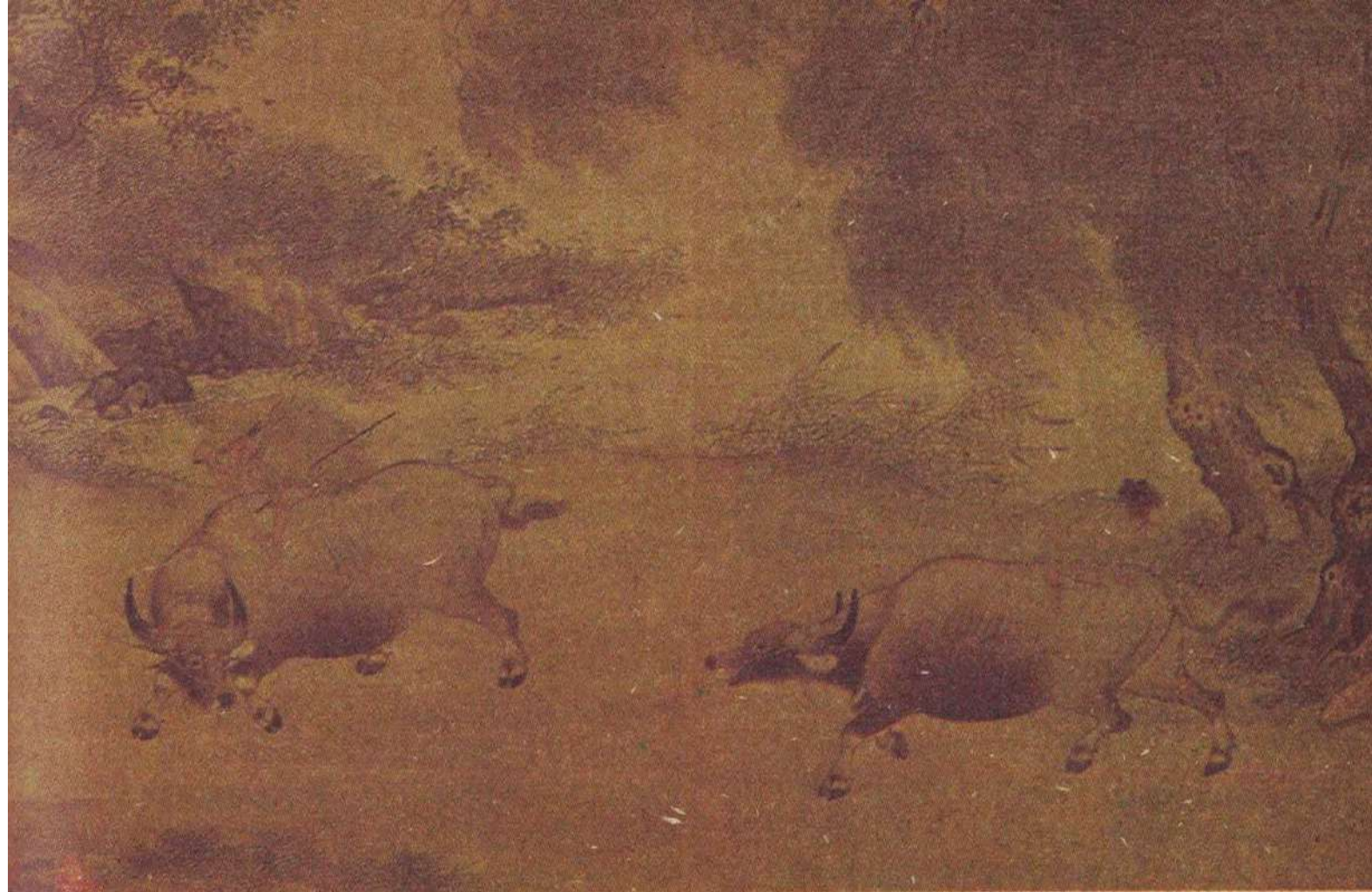




Búfalos junto a um lago (dinastia Sung do Sul, 1127-1279).

Búfalo: um boi para ninguém botar defeito

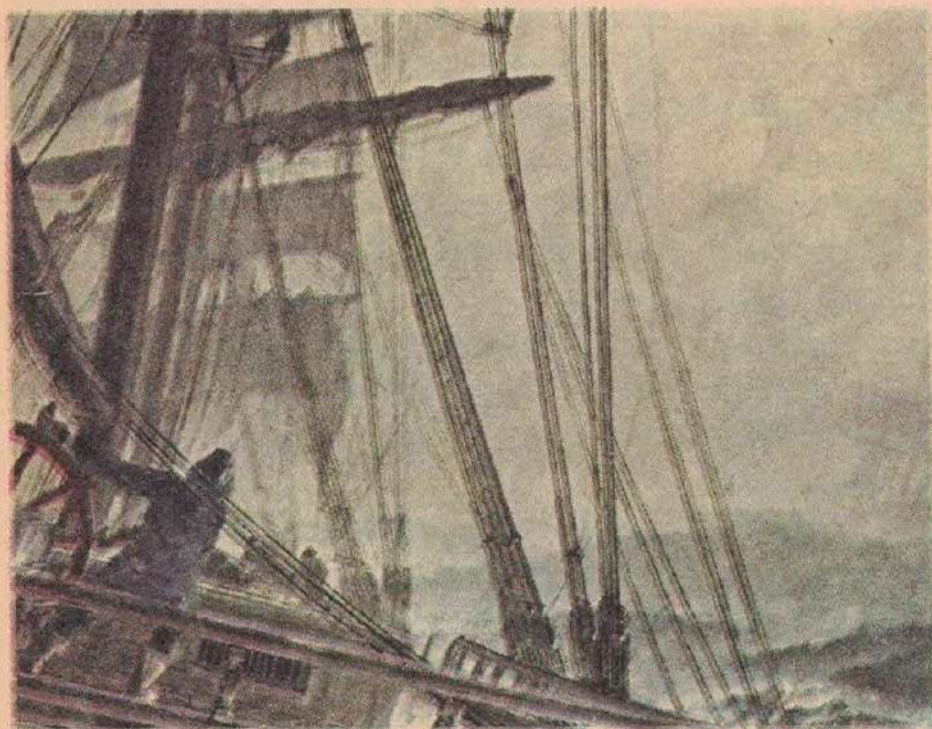
*Há séculos ele vem sendo
aproveitado em trabalhos
agrícolas, no transporte
e na produção de leite, mas
o seu valor para o homem está
longe de ter sido todo explorado*

BETH DAY

«**D**ISPENSA combustível e assistência técnica» era a legenda de uma charge recentemente publicada num jornal de Manila, onde se via um búfalo asiático numa sala de exposição de equipamentos agrícolas. Com os atuais custos astronômicos dos produtos petrolíferos, esse humilde «cavalo de trabalho da Ásia» torna-se herói mais uma vez.

QUADROS DE JOHN STOBART

Os senhores do mar



Stobart, especialista em retratar a espantosa força do mar, mostra aqui um timoneiro em luta contra uma procéla marinha

ELE CHEGOU aos Estados Unidos há dez anos. Era um artista britânico descabelado, mas com um nome simples e ajuizado: John Stobart. Sobrava um maço de cenas pintadas nas docas de Liverpool, e em seu coração alimentava a esperança de ser reconhecido como um grande pintor de marinhas. Pois agora seu sonho se vem realizando de maneira esplêndida; os trabalhos quase perfeitos de sua paleta são disputados por exigentes colecionadores, e ele se alça à categoria de um dos mais admirados

pintores de barcos e portos do mundo.

Grande parte dos quadros mais interessantes de Stobart retrata as embarcações a vela do século passado, quando os cascos dos navios eram de madeira, e os homens, de ferro. Exatos até nos detalhes de seu cordame —isso graças a horas e horas despendidas no estudo atento de velhos daguerreótipos e planos originais de construção—,

não lhes falta igualmente aquela qualidade essencial de vida que transforma o realismo em arte. «É preciso visualizar a cena e criar a atmosfera do dia», afirma Stobart, «como se o vento ainda soprasse, o mar se agitasse em ondas e o navio estivesse singrando por elas.»

Stobart, que defende apaixonadamente a preservação desses barcos históricos, revela em toda a sua obra fé nas palavras do poeta John Masefield: «Eles marcam nossa passagem como uma raça de homens. Não veremos mais navios assim.»

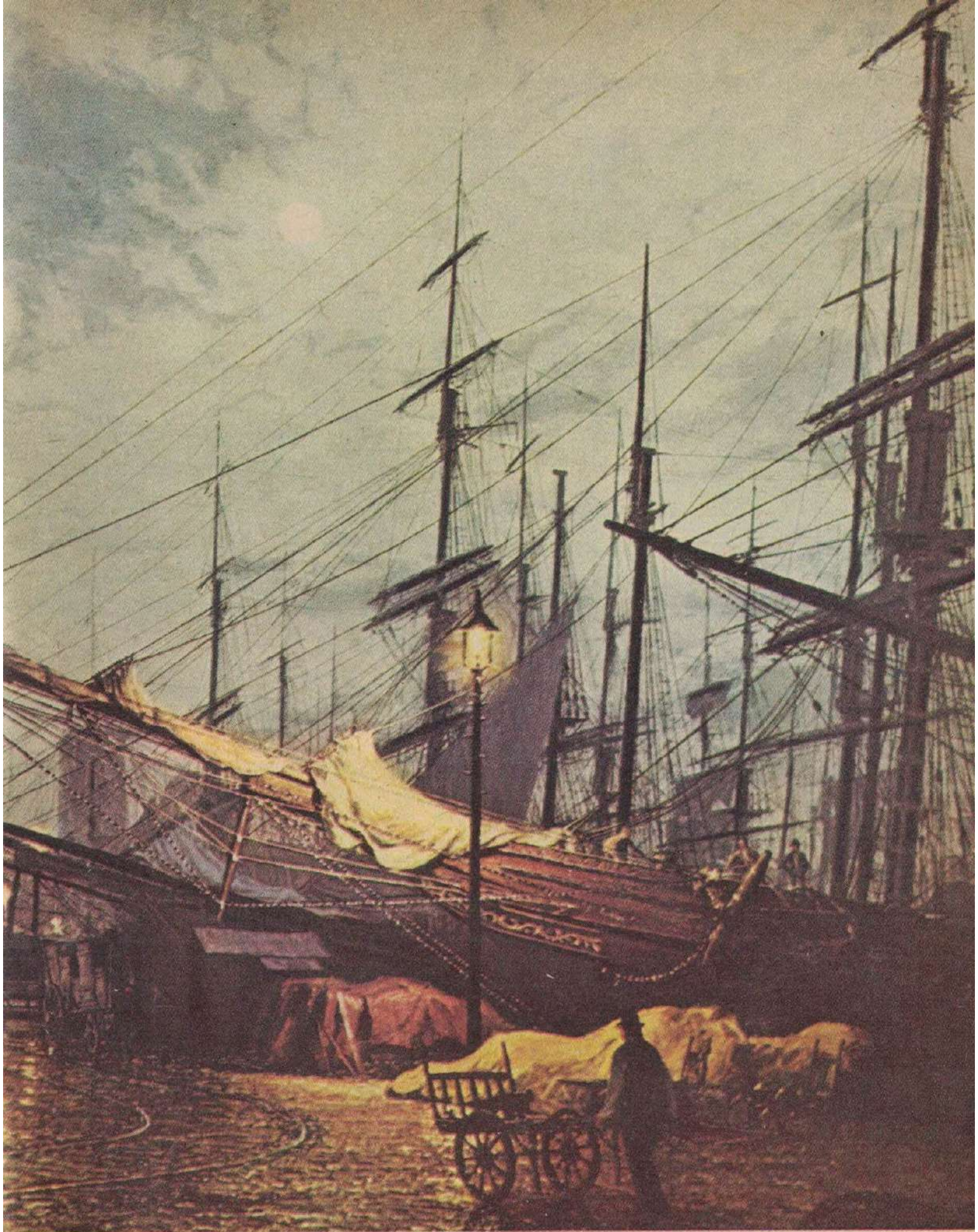
QUADROS, CORTESIA DAS KENNEDY GALLERIES, NOVA YORK



Lançado ao mar em 1825, o brigue «Pilgrim» certa vez levou como tripulante o autor de «Dois Anos à Sombra do Mastro», Richard Henry Dana Jr.



Era assim, em 1880, um cair de tarde na South Street, quando Nova York era a capital dos Estados Unidos. De gurupês em riste, brigues, paquetes e clíperes secavam seu velame, enquanto se desembarcava sua carga – um mundo de coisas vindas de mais de cem

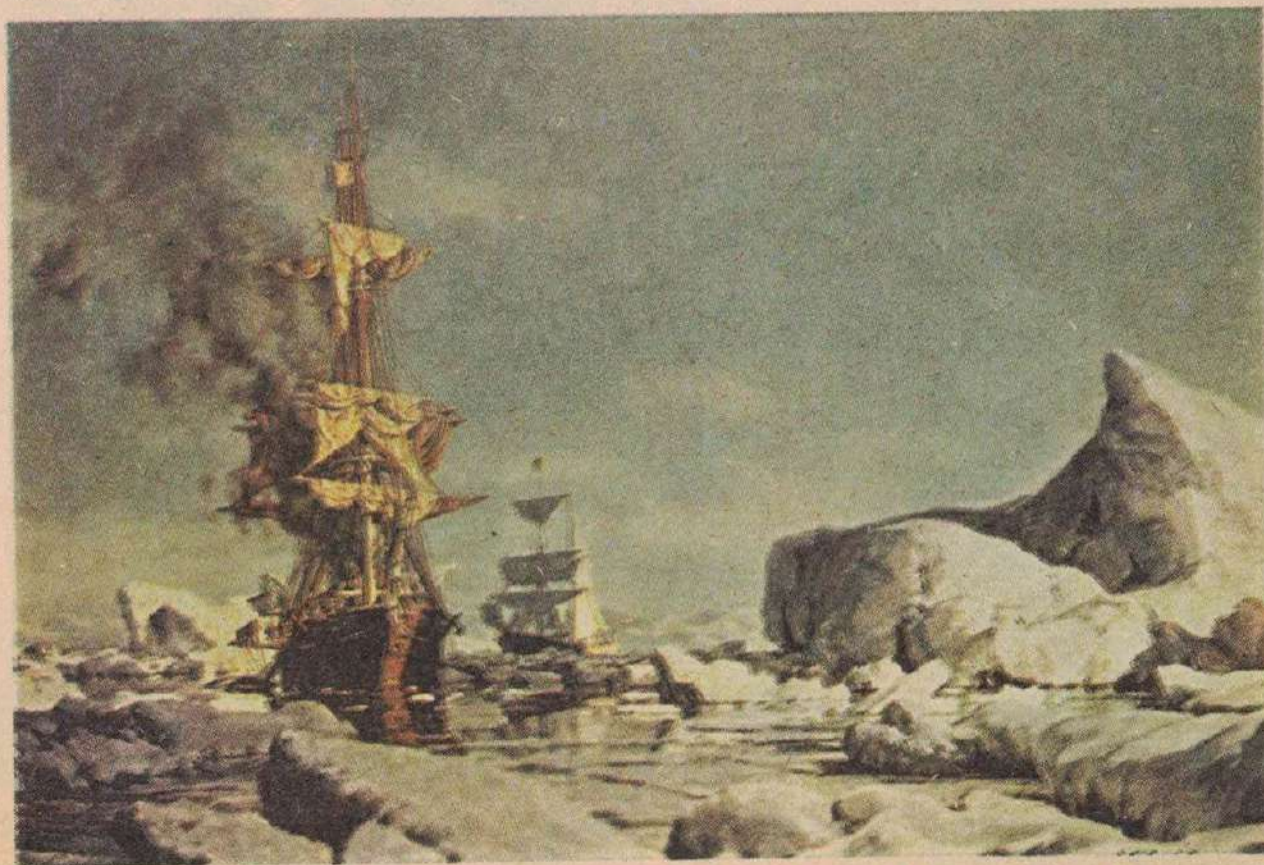
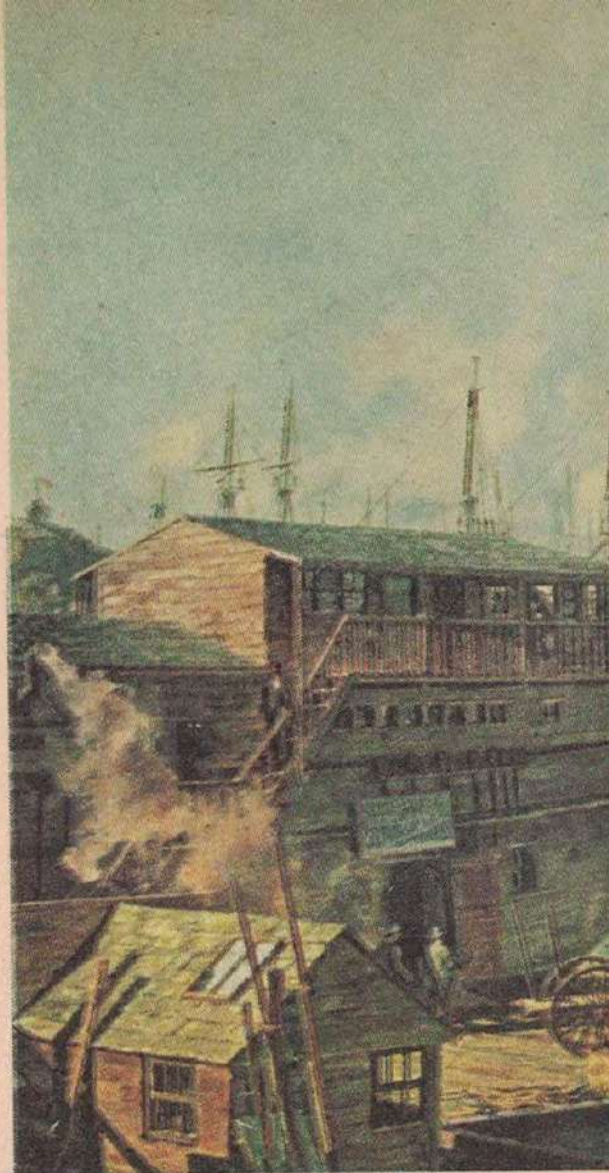


portos diferentes. Hoje, a frota mercante ancora no rio Hudson, e a South Street dormita sobre memórias que são agora do interesse do Museu Portuário de South Street, cujo acervo conta com quatro embarcações a vela em fases diversas de restauração

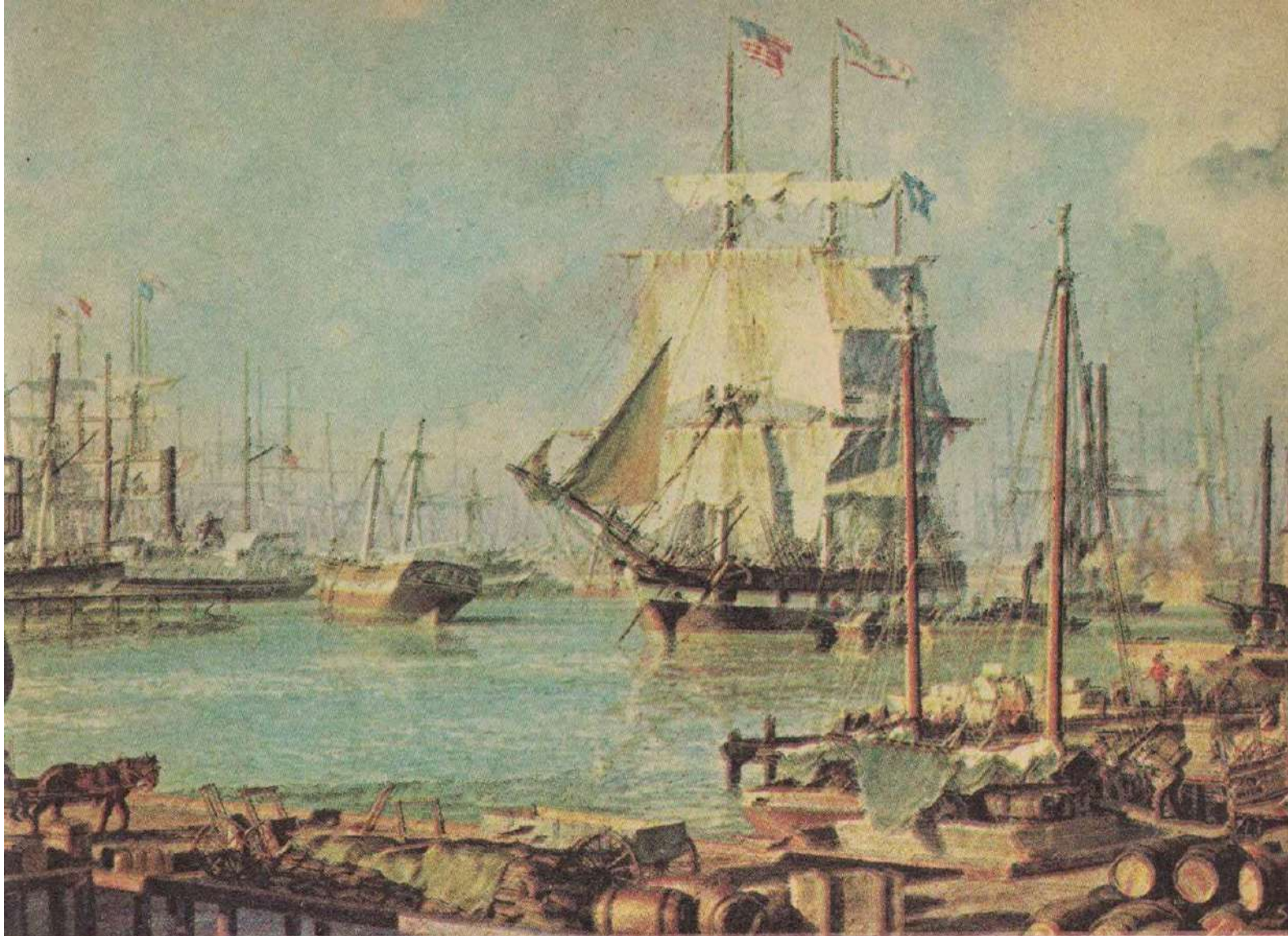
*A todo o pano, o paquete americano
«Dreadnaught» guina para barlavento*



*Um baleeiro em desespero no estreito de Bering.
Muitos desses barcos naufragaram em meio a
nevoeiro, tormentas e icebergs no Ártico*



*Partida do «Mistress of the Mississippi»
do porto de Nova Orleans em 1878*



O brigue inglês «Vicar of Bray» desembarca sua carga e seus passageiros no alvoroço da baía de São Francisco, durante a Corrida do Ouro em 1849. Stobart é notável na recriação dos detalhes e da atmosfera de cenas portuárias como esta

